

---

## Tannhäuser

---



### Primeiro Ato

---

A *ouverture*, embora tenha como modelo as de Weber, adquire uma perfeição com a qual Weber nunca sonhou. Começa com o tema da Salvação pela Graça (andante maestoso). O tema tem pronunciado caráter religioso que procede não apenas da sua melodia e harmonia, mas do colorido peculiar que lhe dá o fato de ser tocado somente por instrumentos de sopro: clarinetes, fagotes e trompas. Sucede-lhe o motivo do Arrependimento. Ambos os motivos são desenvolvidos com firmeza. O motivo da Salvação é executado fortíssimo por quase toda a orquestra, sem as trompas, reservadas para o clímax final; os violinos executam a melodia com um movimento vivo de tresquiáleras quebradas, no intuito de simbolizar a Vibração da Vida. Karajan, numa de suas últimas entrevistas em Salzburg, de maneira cômica alude à inspiração desse motivo, que seria uma velhinha chorando porque a sua casa estava pegando fogo e a vinda dos carros de bombeiros com sua habitual buzina. A paixão extingue-se gradualmente e de novo se ouve o primeiro Tema da Abertura, no mesmo tom religioso. Mas, no seu desenvolvimento, é interrompido bruscamente pelo motivo inicial, associado com as bacanais do reino de Vênus, que é febrilmente desenvolvido pelos violinos. Sucede-lhe um segundo tema bacanal e um terceiro executado a princípio em suave timbre de flautas, oboés e clarinetes.

---

Os clarinetes vêm mais associados com as sereias e é completado com outro tema vibrante. Prossegue com o tema do convite das Sereias ao prazer. Uma nova melodia conduz ao tema da Glorificação de Vênus. E nesse momento que Tannhäuser canta a sua paixão pela deusa. Na concepção de vários temas bacanais há um sedutor tremolandi dos violinos, simbolizando o Encanto de Vênus: é nesse trecho que a deusa, verificando que Tannhäuser está prestes a libertar-se, tenta mais uma vez enfeitiçá-lo. A música eleva-se a uma voluptuosidade que, provavelmente, nunca foi excedida em nenhuma outra obra por qualquer compositor. Depois vai morrendo aos poucos para fundir-se no Convite das Sereias, que é cantado com a frase “Naht euch dem Strande” (vinde até as margens da praia) por um coro invisível de vozes femininas.

## CENA 1

O pano sobe no ponto em que a inicial abertura se confunde com a Nova Música do Venusberg. O palco representa o interior do Venusberg (Hörselberg, perto de Eisenach) - uma gruta espaçosa que se prolonga em curva para o fundo da cena, dando a impressão de perder-se ao longe. De uma abertura alcantilada, provém uma claridade pálida, e uma queda d'água irrompe através dessa fenda da rocha e se para baixo da gruta, escumando selvagemmente sobre as pedras; da escudela que recolhe a água, um arroio corre para longe e forma um lago, em que se banham Náiades, enquanto as Sereias descansam nas margens. Nos dois lados da gruta, os esguichos de água da rocha, de formas irregulares, fizeram crescer plantas tropicais maravilhosas, como corais. O lado esquerdo da gruta se abre para o alto, de onde um doce vapor rosado provém. Em frente da gruta, vê-se **Venus**, recostada em suntuoso leito, envolta naquela suave penumbra rosada. Tannhäuser, meio ajoelhado, com a harpa caída ao chão, repousa a cabeça no regaço da deusa. As Três Graças, encantadoramente entrelaçadas, rodeiam o leito. Ao lado do leito e atrás dele, numerosos pequenos cupidos estão adormecidos e estendidos desordenadamente uns por cima dos outros, formando um ajuntamento muito enredado “como crianças que, cansadas de brincar, caíram de sono” -para citar as próprias palavras de Wagner. Todo o primeiro plano é banhado por uma luminosidade avermelhada, vinda do solo, através da qual se descobre nitidamente o verde esmeralda da cascata e o prateado das vagas escumantes; distantes, as praias do lago estão iluminadas como por um clarão da lua, havendo uma cerração azulada e límpida. Ao abrir-se o pano, os Efebos ainda estão estendidos, suas taças bem junto deles, sobre as saliências do rochedo. Eles respondem sem tardar ao sedutor apelo das Ninfas e se apressam em se reunir a elas. As Ninfas tinham com efeito iniciado, ao redor da bacia escumosa da cascata, uma provocante dança, destinada a lançar os jovens rapazes para elas; os pares se misturam e se formam; a dança se organiza ao redor dessas buscas, fugas e fascinantes provocações. Um cortejo de bacantes sai de longe e se arremessa contra o grupo de amantes, convidando-os aos fogosos divertimentos. Com gestos de entusiasmo e de embriaguez, os bacantes arrastam os amantes com uma impetuosidade crescente. Os amantes se abraçam com ardor e embriaguez. Pelo meio de fendas no rochedo aparecem sátiros e faunos, que agora se enlaçam com os bacantes e os grupos amorosos. Perseguindo, ardorosamente, as ninfas, eles aumentam a desordem; a ebriedade geral se transforma em busca desenfreada do prazer. No paroxismo dessa orgia, enquanto a orquestra executa a sua música delirante, e os sátiros, os faunos, as ninfas e os efebos, perseguindo-se uns aos outros, enchem de movimento a cena, as três Graças se levantam assustadas. Tentam conter

os transbordamentos impetuosos dos dançantes e afastá-los. Impotentes, temem ser por eles arrastadas à força; dirigem-se então aos cupidos adormecidos, sacode-os para os despertar e os lançam para cima. Eles fogem, flutuando como uma nuvem de pássaros, dispersam-se, ocupam em pouco tempo todo o espaço no alto da gruta; lá eles se ordenam, como em ordem de batalha, e fazem chover uma grande quantidade de flechas sobre os grupos que se agitam lá em baixo. Estes, que são golpeados pelas flechas, são arrebatados por um violento desejo de amor, abandonam a dança, enfurecidos, e vão tombar um pouco à parte desfalecidos. As Graças apoderam-se dos feridos e tentam despertá-los para o fundo da gruta, provocando-lhes um doce constrangimento, enquanto que tratam de agrupar por pares estes que, ao enlevo, se agarraram. Os bacantes, os faunos, os sátiros, as ninfas e os jovens se afastam em todos os sentidos, em parte perseguidos pelos cupidos vindos das alturas. Uma nuvem rósea, sempre mais densa, cai sobre o cenário; recobre os cupidos que desaparecem, ficando tão-somente Vênus, Tannhäuser e as três Graças visíveis. Estas dirigem-se, então, para o primeiro plano: amavelmente entrelaçadas, aproximam-se de Vênus, como para lhe anunciar a vitória que alcançaram sobre os indisciplinados apaixonados súditos de seu reino.

A bruma espessa que encobria o fundo se dissipa; vê-se, em um nevoeiro um painel representando o rapto de Europa que, sobre o dorso de um touro branco, escoltado por tritões e nereidas, é transportada sobre as ondas azuis do mar. Esse quadro vaporoso do rapto de Europa, deusa filha do rei da Fenícia, levada por Júpiter para Creta, ele sob o disfarce de touro branco, escoltado por tritões e nereidas, remarca o amor profano entre a divindade (Vênus) e o homem (Tannhäuser).

### **Coro das Sereias** (*atrás, invisíveis*)

Aproximai-vos da praia!

Aproximai-vos das margens, onde, em ardente abraço, o bem-aventurado fogo do amor acalmará os vossos desejos!

*(A bruma rósea ao fundo se dissolve; a visão desaparece, e as Graças, em uma dança cheia de charme, interpretando os ocultos sentidos da cena como uma obra-prima do amor, antecipam uma nova visão que irá aparecer, durante o segundo canto das sereias. - De novo a neblina recai, e num doce crepúsculo lunar, Leda é vista reclinada sobre as margens de um lago silvestre; o cisne aproxima-se dela e recosta, acariciando-a, sua cabeça sobre o seu colo - lenda de Leda e o cisne - duas histórias densas de sensualidade que servem de fundo ilustrativo às danças das Três Graças)*

### **Coro das Sereias**

Aproximai-vos da praia!

Aproximai-vos das margens!

À medida que a segunda cena se extingue, desaparece, gradualmente e por completo, a neblina, e toda a gruta aparece, solitária e tranquila. As Graças inclinam-se, sorridentes, diante de Vênus, e devagarzinho retiram-se da parte da gruta. Silêncio profundo. Vênus e Tannhäuser inalterados, sem se mover.

## CENA 2

Tannhäuser sobressalta-se, elevando a cabeça, como se saísse de um sonho. Vênus, com carinho, torna a puxá-lo para si, ao som do canto das Sereias, executado pela orquestra. Tannhäuser passa a mão pelos olhos, esforçando-se por recordar e fixar o sonho. Vênus dirige-lhe a pergunta:

**Venus** - Dize, querido, por onde vagueiam teus pensamentos?

**Tannhäuser** - Basta! Basta! Ah, se eu pudesse agora despertar!

(Vênus ainda não suspeita que o seu domínio sobre Tannhäuser está enfraquecendo.)

(Tannhäuser cobre seus próprios olhos com as mãos, como se buscasse lembrar a visão de um sonho)

**Venus** - Dize-me o que te incomoda tanto? (Continua a acariciá-lo e pede que lhe confie os seus pensamentos)

**Tannhäuser** - No sonho, tomei a ouvir aquilo que eu cri entender e que já era há muito tempo estranho aos meus ouvidos. Como eu ouvi o som alegre dos sinos. (Um fraco repique de sinos é sugerido pela flauta e pelo oboé, que repetem uma espécie de carrilhão sobre uma sequência de harmonias descendentes, produzidas pelos instrumentos de corda) Oh, dize, há quanto tempo eu não ouvia mais essas coisas? (Vênus tenta acalmá-lo, passando-lhe suavemente a mão pela frente)

**Venus** - O que se passa contigo? Para de divagar a tua mente?

**Tannhäuser** - Não sei como contar o tempo em que aqui tenho habitado contigo! Perdi a conta dos dias, dos meses, porque já não vejo o sol, nunca mais vi os amáveis astros do céu, já não vejo o tenro cálamo no prado, reverdecendo, com a sua promessa de verão; já não ouço o rouxinol anunciando a primavera! Nunca mais tornarei a ver e a ouvir estas coisas? (Vênus, ainda segura de si e do seu império sobre o cavaleiro, lembra-lhe, em tom sereno)

**Venus** - (estupefata, mas contendo-se) Ah, o que devo eu ouvir? Que tola lamúria! Estás assim de repente tão fatigado de nossa prodigiosa união, que te prodigalizou todo o meu amor? Ou que coisa? Seres elevado à condição de um deus poderia tanto te atormentar? E esqueceste tão de repente o quanto outrora tanto sofreste e padeceste, enquanto que aqui vives só no deleite e no prazer?

(Ela se levanta)

Recompõe-te, meu menestrel! Apanha a tua harpa, vamos! Celebra o amor que tão afetuosamente sabes cantar, como nos dias em que, pelo canto, conquistaste a própria deusa do amor; celebra o amor, que te cumulou de minha suprema benevolência!

**Tannhäuser** - (repentinamente mudando de comportamento, movido por resolução súbita, toma sua harpa e solenemente canta à frente da deusa. Canta todas as bondades que lhe deve, mas, logo, lhe invade a alma a antiga tristeza, a antiga nostalgia, e quer voltar aos mundo dos homens; não são apenas os prazeres do Venusberg o que deseja, mas os trabalhos e as dores da humanidade) Por ti todos os louvores ressoem! Eu exalto os prodígios que teu poder tem sabido criar para minha felicidade! Deixa minha canção e meus alegres tons proclamarem bem alto as doces

delícias e voluptuosidades que eu devo à tua benevolência! O gozo, com esses magníficos prazeres, ah! meu coração o deseja, meus sentidos ardentemente o anseiam: e tu, aquilo que somente aos deuses, outrora, reservaste, por tua bondade tu me hás feito gozar, a mim, simples mortal. Simples mortal, ai de mim, eu o sou mesmo assim, e teu amor passa a ser excessivo para mim. Um deus pode viver sem enfastiar-se do prazer, mas eu, eu estou sujeito à mutação; a alegria não mora mais, sozinha, no meu coração; na felicidade e no prazer eu aspiro à dor e ao sofrimento. De teu reino, eu devo fugir: ó rainha! Deusa! Deixa-me partir!

**Venus** - *(a própria deusa começa então a despertar para a realidade da situação. Repreende-o com suavidade: em que foi que o meu amor te desmereceu para que me aflijas assim?) (Como se acordasse de um sonho)* Que devo ouvir? Que canção é essa? Que triste humor, a que sombrios sons se entrega tua canção? Como, então, te abandonou a musa que te inspirava unicamente canções venturosas? Que é isto? Em que coisa meu amor se fez negligente? Meu bem-amado, de que exatamente tu me censuras?

**Tannhäuser** - *(canta todas as bondades que deve à deusa, mas logo lhe invade a alma a antiga tristeza, a antiga nostalgia)* Só tenho agradecimentos por tua benevolência e louvores pelo teu amor. Eternamente abençoado é o que, quente de desejos, divide em teus braços o teu divino ardor! Encantadoras são as maravilhas do teu reino e a magia de todas as delícias que eu aqui respiro. Nenhum país ou lugar no vasto mundo oferece semelhantes tesouros. O que eles possuem em comparação são de leve brilho, de pequeno valor, e prescindível a ti. Mas, agora, embebido nesses vapores rosados, penso com remorso na doce brisa de nossas florestas, no claro azul de nosso céu, em nossos frescos e verdes campos, no doce e querido gorjeio de nossos pássaros, no som familiar de nossos sinos. Do teu reino eu devo fugir - Ó rainha, deusa, deixa-me partir!

*(Quer voltar ao mundo dos homens; não são apenas os prazeres do Venusberg o que deseja, mas os trabalhos e as dores da humanidade. Implora à sua feiticeira que o liberte. A própria Venus começa então a despertar para a realidade da situação. Tannhäuser rompe em louvores ao amor e às delícias do seu reino, mas quer fugir do amor. Estará ele saciado das alegrias que ela lhe prodigalizou?)*

**Venus** - *(saltando de seu leito, censura-lhe a ingratidão e inconstância)* Infel! Ai de mim! Que me fazes ouvir? Como te atreves a escarnecer de meu amor? Tu o exaltas mas logo queres, não obstante, dele fugir? Todo o meu encanto te medrou para o tédio?

**Tannhäuser** - *(tenta justificar-se: é do poderosíssimo encanto de Vênus que quer fugir; nunca a amou tanto como agora, que a deve deixar para sempre)* Ah, bela deusa! Não te irrites, não te zangues comigo! Do teu desmedido, enorme encanto, é que desejo fugir!

*(Neste ponto, a arte dramática e musical de Wagner, amadurecida, esforça-se por tirar o maior efeito deste instante crucial. Vênus esconde o rosto nas mãos e desvia-se com um grito de pesar. Há um longo silêncio, tanto no palco como na orquestra 'momento de trágica intensidade'. A orquestra preludia um trecho brando e sedutor. Enquanto a música se desdobra, Vênus atrai de novo o olhar de Tannhäuser e repentinamente se volta para ele com um sorriso cativante. A um sinal seu, aparece uma gruta mágica, cheia de vapores róseos e perfumados. Aponta para a gruta e convida-o a entrar nela em sua companhia. O acompanhamento orquestral 'melodia vocal ouvida na ouverture' é agora muito mais rico e ornamentado. Quando a deusa aproxima-se do cavaleiro, um coro invisível de Sereias canta a melodia "Vinde às margens da praia", mas a frase agora é cantada apenas uma vez. Em lugar da repetição, a própria Vênus canta o trecho das Sereias*

e, com o acompanhamento de parte da música que aparece pela primeira vez na Bacanal, convida-o a vir para onde beberá néctares divinos: “beberás as profundezas do próprio vinho do amor”, nos lábios e nos olhos de deusa. A música torna-se cada vez mais lânguida e embaladora; por fim, morre quase em surdina, quando Vênus murmura “Dize-me, querido, confessa, meu amor, queres fugir de mim?”)

**Venus** - Desgraça para ti! Traidor! Hipócrita! Ingrato! Eu não te deixarei partir! Tu não deverás me abandonar! Não! Ah!

**Tannhäuser** - Meu amor nunca foi tão imenso, j amais mais sincero, que agora, quando devo abandonar-te para sempre.

**Venus** - (*afasta-se de Tannhäuser, cobrindo o rosto com as mãos; após um período de silêncio, busca de novo o olhar dele, para junto do qual ela retoma subitamente, com um sorriso sedutor. -A um sinal dela aparece uma gruta mágica, que ela lhe aponta*) Meu querido, vem! Olha ali aquela gruta, onde flutuam docemente vapores róseos perfumados. Essa estância dos prazeres, os mais doces e agradáveis, encantaria mesmo a um deus! Sobre as almofadas, as mais suaves, de toda doçura, abandona teus membros tranquilizando-os; para refrescar tua fronte inflamada, refrigerar-te-á uma leve brisa, e um delicioso ardor fará vibrar teu coração.

(*Ela tenta puxá-lo docemente para si*)

**Coro das Sereias** - (*invisíveis, à distância*) Aproximai-vos das margens da praia!

**Venus** - Nesta estância, onde reina a doçura, suaves melodias animam-me a enlaçar-te com um íntimo abraço: de meus lábios e de meus olhos fluirão para ti o néctar dos deuses! Beberás as profundezas do próprio vinho do amor! Iluminado de amor, meu olhar arderá sob a gratidão do amor; que nossa união seja tão-só regozijo, oblação ao amor, no júbilo! Não uma oferenda tímida tudo isto te dedicará, mas deleite em união com a própria deusa do amor! Dize, agora, querido amigo, meu amado! Queres fugir de mim! (*Essa interpelação é profunda. O dramaturgo faz-nos compreender a intensidade da luta que se trava na alma de Tannhäuser, entre o desejo que lhe inspira a deusa e a ânsia de se ver livre dela. O cavaleiro, arrebatado, pega a harpa e irrompe em nova e apaixonada canção a Venus, ainda mais intensamente amorosa do que as precedentes. Entretanto, a despeito de todos os seus protestos de louvação ao amor de Venus, a antiga saudade da tranquila doçura da terra toma a apossar-se dele*)

**Tannhäuser** - (*no auge de um arrebatamento, agarra sua harpa uma vez mais e irrompe em nova e apaixonada canção*) Somente para ti, em louvores, minha canção deve ressoar! E o teu louvor eu cantarei com alarde, em voz alta! Teu encantador charme, ó deusa, é a fonte de toda a beleza, e tudo quanto é maravilha e prodígio deriva de ti; cada prodígio tem o brilho dos teus olhos, onde tua seiva se exprime! A paixão que tu moldaste, bem no coração, como chama ardente, mas iluminada somente para ti! E assim, em face do mundo inteiro, eu serei, dagora por diante, eu o vejo, teu valoroso e infatigável defensor. Mas eu devo retomar ao mundo terrestre, pois junto de ti eu não sou senão um escravo; tenho saudade da liberdade, da independência, tenho sede de ser livre: ao conflito e à luta eu irei, até mesmo que disso resulte a ruína e a morte! Portanto, de teu reino eu devo fugir; ó rainha, ó deusa, deixa-me partir!

**Venus** - (*possuída da mais violenta cólera, canta, antecipadamente, as palavras expressivas, da grande mágoa e humilhação, com as quais Tannhäuser lhe solicitou os seus favores*) Vai-te, insensato!

Vai-te! Vai! Traidor, vê, eu não te retenho mais aqui!

Foge! Eu te deixo livre! Vai-te! Insensato!

O que desejas fazer será o teu destino!

Vai-te! Vai-te! Foge para o frio e gélido mundo dos homens, para junto dos fracos, dos quais nós, deuses da alegria, fugimos, de mesquinhos delírios, melancólicos, para buscar o calor mais profundo do ventre da terra.

Vai-te, hipócrita! Busca tua salvação, busca tua redenção, mas tu jamais a encontrarás!

Junto daqueles a quem desprezaste e outrora escarneceste, triunfante, aqueles que achincalharam tua exultante coragem, vai até eles implorar o perdão,

avilta-te diante do desprezo e geme com tua boa vontade!

Que então teu aviltamento se patenteie em grande dia e que eles riam da tua vergonha vivíssima!

Banido, amaldiçoado, ah! Eu já te vejo desde agora retomar até mim, a cabeça baixa: “Oh, se eu a reencontrar, quão sorridente me foi anteriormente! Ah! Se ela me reabrir as portas do prazer!”

Só e isolado o vejo então! Prostrado ao chão ele jaz, lá onde outrora o júbilo fluía para ele! É por um pouco de piedade que ele estende a mão em súplica, não por amor!

Para trás! Desaparece, mendigo! A escravos, jamais, a heróis somente se abrirão as portas do meu reino!

*(Nem adulação, nem ameaças comovem o cavaleiro)*

**Tannhäuser** - Não! O meu orgulho e altivez poupar-te-ão de te deplorares de ver-me diante de ti ajoelhado e despojado de toda honra, pois aquele que agora se separa de ti, ó deusa, nunca mais voltará!

*(Vênus, feminina que é do desprezo passa à súplica. A ameaça de Tannhäuser de deixá-la para sempre, quebra-lhe o orgulho. Com a mais encantadora, com a mais insinuante música de toda a cena, Vênus recorda-lhe a felicidade que juntos gozaram e exorta-o a não lhe infringir a última das angústias - ouvi-lo lamentar-se na outra vida, e não poder consolá-lo como outrora)*

**Venus** *(com um grito)* Ah! Tu não mais voltarás! Quem te o disse? Quem te o assegurou?

Nunca mais retornarás para mim? Como poderia eu acreditar? Como compreender isso? Meu bem-amado fugir de mim para sempre? Como eu teria merecido isto, por quais faltas e culpas sofrerei esta pena, que me subtrairá a alegria de perdoar ao meu amante? A rainha do amor, deusa de todas as graças, se veria sozinha, privada de consagrar seu próprio sacrifício para consolar seu amigo? Outrora, sorridente entre minhas lágrimas, toda cheia de desejos, eu espreitava de teu canto as melodias orgulhosas, rendendo-me homenagens que o universo me denegara desde longos tempos. Oh, dize: poderias tu imaginar um só instante que eu ficaria insensível ouvindo tua alma suspirando até mim, depois de ter ouvido outrora o teu lamento? Oh, não me deixes pagar por isso, nada me fará desprezá-lo, e tu, não desdenhes jamais aquilo que eu poderia fazer por ti. *(Num raio de desespero)* Se tu não retomares, que seja maldito o mundo inteiro; que em um deserto para sempre se transforme, abandonado de meus divinos favores!

Ó retoma, retorna sobre teus próprios passos!

*(No cúmulo do desespero, ela então suplica)*

Confia em minha afeição por ti, em meu amor!

**Tannhäuser** - Quem te abandonar, deusa, bem sei, renuncia para sempre a toda formosura!

**Venus** - No teu orgulho, não reprimas teu desejo se ele te puxar de volta para mim!

**Tannhäuser** - Meu orgulho me convida ao combate, eu não buscarei de novo a voluptuosidade nem o prazer. Ah, se pudesses me compreender, deusa! A morte é a minha única busca! É na verdade a morte que me dá pressa de ir!

**Venus** - Se a morte fugir de ti, se a própria sepultura se recusar receber-te, então retornarás para junto de mim.

**Tannhäuser** - Minha morte e minha sepultura eu já as trago aqui no coração; só pelo arrependimento e pela penitência é que poderei encontrar repouso! **Venus** - Nunca terás descanso,

Nunca encontrarás a paz!

Retorna para mim se qualquer dia buscares a tua salvação!

**Tannhäuser** - Deusa de todas as delícias e do prazer, não! Ah, não será em ti que a minha alma encontrará a paz nem o repouso! Minha salvação está somente em Maria!

*(Vênus desaparece. O Venusberg desaparece. Com a menção do nome de Maria, todo o mágico encantamento se desfaz. A cena fica às escuras, enquanto a orquestra expõe com violência a derrocada do misterioso ambiente. O cenário muda imediatamente)*

### CENA 3

Tannhäuser, que não abandonou o lugar que estava, ou seja, na mesma posição em que foi visto pela última vez perante Vênus, encontra-se repentinamente deslocado para um belo vale, numa radiosa manhã primaveril. No fundo, à direita, vê-se o Wartburg; através de uma passagem do vale, à esquerda, avista-se o Hörselberg. À direita, a meia altura do vale, um caminho de montanha, descendo do Wartburg, coleante, até o primeiro plano, dirige-se para o sítio onde, numa pequena eminência, foi erigido um santuário à Virgem Maria. Dos montes à esquerda, ouvem-se sinceros de ovelhas; num rochedo, acha-se sentado um jovem pastor que, ao subir do pano, olhando para o vale, toca pífaro. Canta uma simples e pequena melodia em louvor de Holda, a velha deusa germânica da bondade, da doçura e da graça, cuja vinda anual traria prosperidade à terra. (Wagner explica: Holda, como os outros deuses pagãos, foi banida para o interior da terra com o advento do Cristianismo e, de deusa benfazeja, transformaram-na em malévola. Figurava como símbolo de prazeres grosseiros e, de fato, chegaram a identificá-la com Vênus, fonte de todos os pecados sensuais, dando-lhe por habitação o Hörselberg. Ao fazer o ingênuo **pastor** cantar em louvor de Holda e da vinda de maio, parece querer dar-nos a impressão de que, aquilo que Vênus era para Tannhäuser, nos dias em que o cavaleiro estava escravizado pelos sentimentos no Hörselberg, agora, depois que voltou a si, no ar puro do vale, o é à doce e benfazeja Holda). Na versão de Dresde, a canção do pastor é ininterrupta. Na pari-



siense, insere, no meio dela, outro pequeno trecho tocado pelo pífaro (quando a canção termina o rapaz arrancando do instrumento algumas notas cheias de vivacidade, vêm as palavras finais: “Agora, alegremente toco meu pífaro, porque maio chegou, o adorável maio”).

**O Pastor** - Senhora Holda, venha para fora da montanha, para passear pelos campos e prados, e ouvir os doces sons perceptíveis aos meus ouvidos e que meus olhos desejam espiar; aqui eu sonhei alguns maravilhosos sonhos, e mal eu abri os olhos lá brilhava o ardente sol, o mês de maio estava chegando. Agora eu toco alegremente o meu pífaro: maio está aí, o adorável maio. *(Ele toca o pífaro. Ouve-se o canto dos velhos peregrinos, que, da direção do Wartburg, vêm vindo, aproximando-se através do íngreme caminho que procede da montanha)*

**Canto dos Mais Velhos Peregrinos** *(o coro dos peregrinos, cantado a quatro vozes, dois tenores e dois baixos, começa em notas de mínimas. Depois da quarta linha, o pastor cessa de tocar e escuta reverentemente o hino, no qual os peregrinos falam de sua peregrinação a Roma, para obter o perdão dos pecados)* - Para ti eu marcho, meu Jesus Cristo, pois és a esperança dos peregrinos! Louvada sejas, ó virgem doce e pura, à nossa peregrinação digna- te lançar tua bênção! O duro fardo dos meus pecados eu já não posso suportar, antes cuidados e aflições do que repouso e bem-estar. Bendito aquele que, fiel à graça, na santa festa da indulgência, encontra enfim o seu perdão, por contrição e penitência.

*(Os peregrinos chegam ao outeiro em frente dele. Tannhäuser está como se petrificado)*

**O Pastor** *(gritando aos peregrinos, agitando seu boné)* - Feliz viagem! Boa viagem a Roma! Rezai pela minha pobre alma!

Tannhäuser *(caindo de joelhos, profundamente abalado)* Deus todo poderoso, sejas louvado! Grandes são as maravilhas de tua misericórdia! *(Aqui há um dos momentos mais empolgantes da partitura; mesmo no princípio de sua carreira, Wagner já sabia, como sendo infalível, onde colocar os pontos culminantes e como consegui-los pelos meios mais simples)*

*(A partir daí, o cortejo dos peregrinos passa diante da imagem da Virgem, vira para a direita e desaparece: o pastor com o seu pífaro também abandona a altura à direita; ouve-se o toque dos cínceros afastando-se progressivamente)*

Os Peregrinos - Para chegar até ti eu marcho, meu Jesus Cristo, esperança dos peregrinos! Ó Virgem pura e doce, sejas louvada e abençoai a nossa peregrinação!

*(Os peregrinos sobem o caminho e se afastam da cena, sempre cantando o hino que, a princípio desacompanhado, tem depois um acompanhamento em incessante “pizzicato” de violas e violoncelos, enquanto o pastor toca outra vez a sua pequena ária, que também se desvanece ao longe. Quando o último dos peregrinos desaparece da cena, Tannhäuser, de joelhos, canta o segundo trecho do hino com as mesmas palavras que as dele. Sufocam-lhe, então, as lágrimas; não consegue concluir a frase, que é continuada pelos peregrinos, já então muito distantes. Tannhäuser curva a cabeça e parece chorar amargamente, ao passo que, no fundo, como se fosse de Eisenhach -cidade-capital, onde chegam os peregrinos- vem um longínquo repicar de sinos. A última frase do hino dos peregrinos merece ser classificada como um motivo à parte; simboliza a firmeza da fé e é cantada, de cada vez, com as palavras, “A ti eu vou, meu Jesus Cristo!”)*

**Tannhäuser** - Ah, o duro fardo dos meus pecados eu já não posso suportar, eis porque eu também não quero nem repouso, nem bem-estar e escolho de boa vontade a fadiga e o flagelo.

## CENA 4

(Antes que o hino finalmente se extinga, ouve-se a nota solitária de uma trompa de caça, distante, nota que se desenvolve em alegre fanfarra de trompas -atrás da cena e ainda ao longe-, que se amplia e se aproxima, até que, por fim, o Landgraf da Turíngia e os seus menestréis, em trajes de caça, descem, um após outro, de uma eminência à esquerda. Toda a escolta de caça do Landgraf entra pouco a pouco em cena. A meio caminho da ladeira, o Landgraf avista Tannhäuser ajoelhado. Todos querem saber quem é. Julgam que seja penitente, mas graças à sua aparência, não duvidam que seja um cavaleiro. Wolfram, outrora o mais íntimo amigo de Tannhäuser, é o primeiro que se dirige a ele e o reconhece ao grito de: “É Henrique!” O brado é repetido por todos. Tannhäuser parece não estar certo da espécie de recepção que lhe vão fazer, pois deixou a companhia deles, conforme diz o libreto: “inflamado de orgulho”. O Landgraf e os outros perguntam- lhe se de fato ele voltou e o que significa esta volta; o sombrio Biterolf abruptamente quer saber se Tannhäuser vem com boas intenções ou se “sonha com mais lutas”; Walther von der Vogelweide também o inquire: “Vens como amigo ou inimigo?” O gentil Wolfram protesta contra a dureza dos companheiros: Será de orgulho - pergunta- a aparência de Tannhäuser? Aproxima-se do cavaleiro com ar afável e dá-lhe as boas-vindas. Há muito tempo, diz, que Tannhäuser se ausentou do meio deles. O acolhimento de Wolfram encontra eco imediato nos outros e, por fim, o próprio Landgraf saúda a Tannhäuser, mas quer saber onde ele se deteve tanto tempo. Numa espécie de sonho, responde o cavaleiro: “Vagueei numa terra distante, muito distante, onde nunca encontrei descanso nem consolação. Não perguntes! Não foi para lutar contigo que vim até aqui; reconciliemo-nos e deixa-me depois seguir o meu caminho Ao apelo que todos lhe fazem para permanecer, Tannhäuser retruca que em parte alguma pode achar repouso; está condenado a errar para sempre; não se atreve a olhar para trás. )

**O Landgraf** - (a meia voz, descobrindo Tannhäuser) - Quem é que está lá em contrita prece?

**Walther** - Sem dúvida é um penitente.

**Biterolf** - Pelo traje, é um cavaleiro.

(Wolfram corre para perto de Tannhäuser e o reconhece)

**Wolfram** - É ele!

**Os Menestréis, fora Wolfram** - Heinrich! Heinrich! Devo crer no que meus olhos vêem?

(Tannhäuser ergue-se espantado, depressa torna a si e faz silenciosa reverência ao Landgraf, após haver lançado um rápido olhar sobre este último e os menestréis)

“ Ó Landgraf - És tu, realmente? Estás retornando ao nosso convívio, o qual, em tua arrogante soberba, inflamado de orgulho, abandonaste?

**Biterolf** - Dize, como devemos compreender o teu retorno?

**Walther. Heinrich. Reinmar.**

**Landgraf** - Dize-nos!

**Biterolf** - Desejas a reconciliação? Ou reavivas a nossa pendência e sonhas com mais lutas?

**Walther** - Vens como amigo ou como nosso inimigo?

**Os Menestréis, exceto Wolfram** - Como inimigo?

**Wolfram** - O, Cessai vossas perguntas! Será de orgulho a aparência deste? (ele vai até

**Tannhäuser** *como um amigo*) Sejas bem-vindo, valoroso menestrel, que, ah, por tão longo tempo nos abandonaste!

**Walther** - Sejas bem-vindo, se tu retomas em paz!

**Biterholf** - Saudações a ti, se tu nos vês como amigos!

**Os Menestréis** - Saudações, saudações, nós te damos boas-vindas!

**O Landgraf** - Então deixa-me te dar as boas-vindas! Mas, dize: onde estiveste por tão longo tempo?

**Tannhäuser** - Vagueei por terra distante, muito distante, onde nunca encontrei descanso, nem consolação. Não perguntes! Não foi para lutar contigo que vim até aqui; reconciliemo-nos e deixa-me depois seguir o meu caminho!

**O Landgraf** - Ainda não! Tu és um dentre nós novamente.

**Walther** - Tu não nos deve abandonar.

**Biterholf** - Não desejamos que tu partas!

**O Landgraf, os Menestréis** - Fica conosco!

**Tannhäuser** - Deixai-me partir! Nenhum lugar me serve para ficar e nunca poderei estar em paz! Sobre o caminho que me foi destinado eu devo unicamente alongá-lo sempre para mais longe e com toda pressa, sempre mais distante (*desembarçando-se*). Partir, partir daqui! Deixai-me!

**O Landgraf, os Menestréis** - Ó fica! Junto de nós tu deves permanecer, nós não te deixaremos separar-se de nós! Tu nos procuraste, porque partir assim tão depressa, após um tão curto reencontro? Fica, fica conosco!

*(De nada vale, porém, toda a insistência dos fidalgos: quanto mais caloroso o apelo, tanto mais obstinada a resolução do cavaleiro, até que se ouve um grito estridente de Wolfram, prostrado aos pés de Tannhäuser: 'Fica, por amor a Elisabeth!'* Este nome desperta em Tannhäuser todas as velhas recordações. Profunda e contudo alegremente impressionado, permanece como que subjugado a um encantamento, repetindo em êxtase a palavra 'Elisabeth', que lhe parece ter chegado do céu)

Wolfram (*barrando Tannhäuser, no caminho*) Fica por Elisabeth!

**Tannhäuser** - (*em violenta e alegre agitação, paralisado, como se enraizado no local*) Elisabeth! Ó poder dos céus, tu chamas esse doce nome para mim?

**Wolfram** - Tu não me deves como inimigo ralhar, pois assim não te tratei! (*Ao Landgraf*) Meu Senhor, queres permitir-me de ser para ele o mensageiro de sua sorte?

**O Landgraf** - Dize-lhe da magia que ele forjou e que Deus lhe conceda dignidade e virtude que ele possa usá-las merecidamente.

*(O segundo período da comovente canção de Wolfram caracteriza tipicamente a melodia de Wagner, nesta época de sua atividade, e constitui uma cabal revelação da índole sincera, afetuosa e séria de Wolfram: 'War's Zauber war es reine Macht, durch die solch Wunder du voll bracht' (Foi por magia ou por algum poder divino que conquistaste tal maravilha?)*

**Wolfram** -(a Tannhäuser) Quando tu com audaciosos cantos competiste conosco pela coroa de louro, às vezes eras um vitorioso sobre nossas canções, de vez em quando tu sofreste derrota frente à nossa arte: mas um prêmio houve que somente por ti foi ganho. Que magia, que divino poder com o qual tu forjaste semelhante milagre, cativar pelo teu canto, vibrante de alegria e de tristeza, a mais rica em virtude das donzelas? Então, ah! Quando tu orgulhoso nos abandonaste, seu coração ficou totalmente surdo aos nossos poemas; nós vimos suas maçãs do rosto empalidecerem e ela doravante evitou a nossa companhia. Ó, retoma para nós, valente menestrel, e não mais nos priva de tuas canções. Não a deixes por mais tempo ficar ausente de nossos festivais, que de novo brilhe entre nós a sua estrela!

[Ó retoma, valente menestrel! Que nossas canções ressoem em uníssono e que novamente sejamos irmãos!]

**Os Menestréis, exceto Wolfram** - Sê um de nós, Heinrich! Volta para junto de nós!

[Trégua aos conflitos e às disputas! Que nossas canções ressoem em uníssono e que novamente sejamos irmãos!]

[**O Landgraf**- Ó retoma para nós valoroso menestrel! Dá trégua aos conflitos e às disputas!]

*(Tannhäuser, profundamente comovido, lança-se aos braços de Wolfram, depois saúda por sua vez um a um os menestréis, e em seguida se inclina diante do Landgraf, animado por uma profunda gratidão)*

**Tannhäuser** - Para junto dela! Para junto dela! Oh, conduzi-me perante ela! Ah, agora eu reconheço novamente o esplêndido mundo do qual eu estive separado! O céu se debruça sobre mim, os prados resplandecem nos seus mais belos adornos. A primavera, jubilante, entrou na minha alma, acompanhada de mil canções arrebatadoras; na sua vida, na urgente avidez,

meu coração chora e clama em voz alta, “A ela!” “A ela!” Conduzi-me perante ela!

**O Landgraf, os Menestréis** - Ele que esteve perdido retornou! Um milagre o trouxe de volta! Bendito seja o doce poder, que banuiu do seu coração o orgulho! Que tenha novamente a Adorada seus ouvidos ligados aos nossos hinos, exaltando a sua nobreza! E que estes aqui, plenos de um novo ardor, jorrem alegria de suas gargantas e almas!

*(Durante esse tempo, pouco a pouco, toda a escolta de caça do Landgraf se reúne em cena. Os caçadores tocam suas trompas. Todo o vale formiga de uma multidão mais e mais numerosa. O Landgraf e os menestréis se voltam para os caçadores. O Landgraf dá um sinal com sua trompa de caça. Posantes repiques e latidos da matilha lhe respondem. O Landgraf e os menestréis montam nos cavalos que lhes foram trazidos de Wartburg) Desce o pano. (É assim, pelo menos, que Wagner desejava se encerrasse a cena; suas intenções, porém, nem sempre podem ser cumpridas, à letra, nos teatros, ou em razão da criatividade dos cenógrafos).*

---

**Fim do Primeiro Ato**

---

## Segundo Ato

---

O segundo ato começa com longo prelúdio orquestral de um tipo que, pode afirmar-se, foi introduzido por Wagner no teatro. É uma espécie de poema sinfônico em miniatura. Mas antes de tudo, é um tema alegre, palpitante e vigoroso, com andamento dançante, que descreve a felicidade de Elisabeth. Sucede-lhe o Motivo do Júbilo, já ouvido dos lábios de Tannhäuser na cena precedente. O desenvolvimento destes motivos prazenteiros é interrompido por instantes, quando os tons severos dos instrumentos de sopro, com o Motivo do Aviso, envolvem a música em sombra. É o motivo em que Vênus cantou a sua advertência a Tannhäuser, na primeira cena. Mas a sombra logo passa; ouve-se outra vez o tema do salão dos tomeis de canto, com todo o brilhantismo, ao mesmo tempo que sobe o pano, mostrando o Salão dos Torneios de Canto em Wartburg; ao fundo, aparece uma vista do pátio e do vale.

### CENA 1

*(O Salão dos Torneios de Canto, em Wartburg. Ao fundo aparece uma vista do pátio da Corte e do vale)*

**Elisabeth** - *(Entra em cena risonha, agitada e saltitante. Na ária que canta vibra com muita vitalidade, o que deve ter atuado como um tônico e até com uma surpreendente emoção nos auditórios que a escutaram, pela primeira vez, há mais de cento e cinquenta e oito anos. Tannhäuser regressou; novamente as suas canções hão de ecoar no Salão, e a alegria voltará à alma da moça. Nada havia na música contemporânea da época que a igualasse em vigor e brilho. Quando Elisabeth termina, Tannhäuser, conduzido por Wolfram, sobe as escadas e aparece no último plano. Lança-se aos pés de Elisabeth, enquanto Wolfram permanece discretamente afastado, encostado ao muro. A princípio, Elisabeth mostra-se modesta e confusa. Pede a Tannhäuser que se erga e a melodia que canta é característica de Wagner nessa época, especialmente no concernente ao emprego do leitmotiv)* Querido salão, eu te saúdo de novo, com alegria, de todo o meu coração eu te saúdo, adorável lugar! Em ti as canções dele nasceram e me despertaram das sombras. Desde que ele partiu tu me pareces vazio! A paz me abandonou, e a alegria desapareceu de tí! Como agora meu coração se exalta e tu transpareces, outra vez, imponente, nobre e receptivo! Aquele que dá vida a tí e a mim não está mais distante! Eu te saúdo! Eu te saúdo! A tí amado salão, eu te saúdo!

*(Tannhäuser, acompanhado de Wolfram, aparece na escadaria, ao fundo)*

**Wolfram** - *(a Tannhäuser)* Lá está ela; aproxima-te dela sem perturbá-la! *(Wolfram permanece longe, encostado no parapeito)*

**Tannhäuser** - *(lançando-se impetuosamente aos pés de Elisabeth)* Ó Princesa!

**Elisabeth** - *(timidamente perturbada)* Meu Deus! Erguei-vos! Deixai-me! Eu não posso vos reencontrar aqui! *(Ela faz um movimento brusco de ausentar-se)*

**Tannhäuser** - Tu o podes! O' fica e deixa-me permanecer ajoelhado aos teus pés!

**Elisabeth** - *(voltando-se para ele de modo amistoso)* Então, levanta-te! Não te convém ficar ajoelhado aqui, porque neste salão sempre foste rei. Oh, levanta-te! E deixa-me agradecer-te porque enfim regressaste! Mas por onde vagaste há tanto tempo?

**Tannhäuser** - *(levantando-se lentamente e, em tom velado, como se tentasse em vão recordar-se de um sonho)* Longe daqui, em terras muito, muito distantes; -um sombrio esquecimento interpõe-se entre o hoje e o ontem. Tudo me saiu da memória e de uma só coisa apenas consigo lembrar-me, que perdera toda a esperança de voltar a colocar meus olhos em ti.

**Elisabeth** - O que então te trouxe de volta?

**Tannhäuser** - Foi um milagre, um misterioso e profundo milagre!

**Elisabeth** - *(exaltando-se amigavelmente)* Eu rendo graças a esse milagre, do mais profundo do meu coração!

*(Confusa, ela modera-se. Com delicada arte, Wagner pinta-nos o conflito de emoções na alma da donzela - inocente alegria pelo regresso de Tannhäuser, tristeza pela sua partida e longa ausência, virginal inaptidão para compreender todas as variadas emoções que agora sente. Por fim, Elisabeth não consegue conter o grito: “Henrique, Henrique! Que me fizeste?” “Deves louvar ao deus do amor, que me tocou”, declara Tannhäuser, “falou-te de mim e a ti me trouxe”, e o par irrompe num dueto jubiloso que começa assim: “Gepriesen sei die Stunde” (Bendita seja a hora) e continua com um trecho no qual, mais uma vez, vemos Wagner utilizando o leitmotiv, processo tão do seu gosto: “Von Wonne glanz umgeben lacht mir der Sonne Schein!” (envolto em luz radiosa, brilhante o sol me sorri!) A parte delicada atinente ao último tema era muito apreciada por Mendelssohn. No fim desse longo dueto, Tannhäuser deixa Elisabeth, avança para Wolfram e abraça-o calorosamente; os dois desaparecem na escadaria. Elisabeth, da varanda, segue-os com o olhar.)* Perdoai-me de não saber aquilatar o que digo! Em sonho eu estou e insensata como uma criança; sem força, o poder do milagre me maravilha! Quase que não mais me conheço - O’ ajuda-me a decifrar o enigma de meu coração! Antes, eu escutava de bom grado, amplamente, as sutis melodias dos trovadores; seus poemas, seus louvores e acareações pareciam-me um divertimento fascinante. É que uma estranha e nova vida despertava em meu coração as tuas canções! Em breve tempo eu estremecia de dor, mas logo a alegria repentinamente me inundava. Por essas emoções eu jamais tinha passado; jamais essa imperiosa expectativa, esta nova felicidade, que eu não sabia como nomear, eclipsava meus antigos deleites! Todavia, desde que te fizeste longe de nós, minha paz e minha alegria também desapareceram; as melodias dos cantos dos trovadores me pareciam indiferentes e suas inspirações me pareciam sem brilho e de espírito confuso. Em sonhos, eu sentia pesadas dores; acordando, eu ficava com preocupações, minhas vigílias se teciam de ilusões e de pesarasas dúvidas. A alegria havia abandonado meu coração. Henrique! Henrique! O que me fizeste?

**Tannhäuser** - *(entusiasmado)* Deves exaltar o deus do amor, que me tocou! É ele que inspirava meus versos; é ele que te falava através dos meus cantos; é ele que me reconduziu até aqui perante ti!

**Elisabeth. Tannhäuser** - Bendito seja este instante, abençoada seja a força que pela tua presença me mostrou um tão doce segredo!

**Tannhäuser** - A esta nova vida encontrada possa eu, agora, ser devotado [inteiramente; tremendo de alegria, eu chamo esse milagre de o mais belo! [Elisabeth - Aureolado de um esplendor radiante, um sol refulgente sorri para mim;

[despertada para uma nova vida, eu chamo enfim a alegria de minha companheira!

**Wolfram** - *(em último plano)* Assim, nesta vida, não resta para mim mais nenhum fio de esperança!

**Elisabeth. Tannhäuser**

Ah! Bendito seja este instante, etc.

*(Tannhäuser separa-se de Elisabeth; alcança Wolfram, se estreitam os braços num abraço e desaparece com ele descendo a escada. Da sacada, Elisabeth os segue com os olhos.)*

### CENA 3

*(Por uma passagem lateral, entra o Landgraf. Elisabeth corre-lhe ao encontro e esconde o rosto no peito do fidalgo.)*

**O Landgraf** - Eu te encontro aqui neste Salão, o qual há longo tempo tens evitado? Finalmente, então, te atraí um torneio de canto que estamos organizando?

**Elisabeth** - Meu tio! O', meu mais bondoso pai!

**O Landgraf** - Desejas finalmente destrancar o teu coração para comigo?

**Elisabeth** - Olhai-me nos olhos! Falar eu não posso.

**O Landgraf** - Está bem, que por um breve momento tua boca cale ainda o teu doce mistério; que o segredo em morada inviolável fique até que sejas dona de o desatar. Que assim seja! Que hoje mesmo o prodígio suscitado, inspirado pelo canto, seja pelo canto descoberto, e coroado com satisfação! Nossa mui graciosa arte deverá hoje aqui desvendá-lo!

*(As trombetas soam ao longe, no pátio do castelo, convocando os Menestréis)* Já se aproximam os nobres de meu país, a quem eu devo dar as boas vindas a este solene torneio de canto; mais numeroso do que de costume, porque ouviram falar que serás a princesa do festival.

### CENA 4

*(O Landgraf e Elisabeth vão até a sacada para observar atentamente a chegada dos convidados. Quatro pagens entram e anunciam os hóspedes. O Landgraf lhes dá a ordem para acolhê-los.)*

**Entrada dos convidados**

*(Os cavaleiros e os condes entram um a um com as nobres damas e seu séquito; as pessoas do séquito ficam em último plano. O Landgraf e Elisabeth os acolhem)*

**Cavaleiros e Nobres Damas**

Cheios de alegria saudamos o nobre Salão, onde de todos os tempos a arte e a paz sempre e somente moram; que por longos tempos ainda a fama ressoa: glória ao Landgraf Hermann, o príncipe da Turíngia.

*(Todos os convidados hão ocupado os lugares que lhes foram destinados num vasto semicírculo. O Landgraf e Elisabeth assentam-se nos lugares de honra, no primeiro plano sobre um trono. Trompetes. - Os cantores fazem entrada, saúdam solenemente a assembleia e são conduzidos pelos pajens até os seus respectivos assentos. Os homens respondem e, por fim, todas as vozes se unem na canção de homenagem.)*

*Os Menestréis adiantam-se, curvam-se com dignidade perante a assembleia, e tomam os seus assentos, dispostos em estreito semicírculo, no centro do Salão. Tannhäuser está no meio, à direita; Wolfram, na extremidade, à esquerda. A orquestra executa, pausadamente, uma espécie de música de cerimônia. O Landgraf se levanta. Recorda os serviços prestados à pátria na guerra e os seus préstimos não menos dignos nas artes da paz, especialmente na poesia. O regresso de Tannhäuser será celebrado num torneio amistoso, como outrora. O segredo da sua ida e da sua volta ainda não foi desvendado; talvez seja revelado em trovas. Para este fim, ele propõe, como tema do torneio, a Natureza do Amor; o Menestrel que melhor realçar esse assunto poderá reclamar um prêmio das mãos de Elisabeth.)*

**O Landgraf** - Muitas vezes a este Salão foram enviados cantores amigos, ouvindo-se o eco de seus admiráveis versos. Seus eruditos enigmas e seus divertidos refrãos são conhecidos e igualmente têm fascinado nossos corações através do seu engenho e arte. Ao passo que, pela espada, em sangrentos combates e violentas lutas, defendemos a honra do império alemão, só nós resistimos aos selvagens quelfos (*partidários do Papa contra o Imperador da Alemanha*) e contivemos catástrofes e discórdias, desarmamos perniciosas dissensões, e de vossa parte vós soubestes conquistar a vitória a um preço inteiramente tão nobre. Lutando por vossa arte, pela benevolência de Deus e por nossos afáveis costumes, tanto pela virtude como pela fé, tendes conseguido belas e altas vitórias. Preparastes, então, para nós um novo festival, coincidindo este dia no qual o valente cantor, que por longo tempo tão misteriosamente se ausentou, houve por bem retornar para junto de nós. O que o levou a retornar para o meio de nós permanece para mim como um misterioso segredo: ele poderá revelá-lo para todos nós através da arte da canção; por isto, eu coloco agora a pergunta para os menestréis: poderíeis decifrar-me qual o sentido da essência do amor? Aquele que dentre vós obtiver o maior sucesso merecidamente receberá de Elisabeth um prêmio; que ele o fixe, ele mesmo, assim tão alto quanto puder, eu me incumbo de que ela o concederá. Agora, queridos menestréis! Preparai as vossas cordas vocais! O tema está posto, esforçai-vos por ele e aceitai todos nossos agradecimentos antecipadamente.

### **Cavaleiros e Nobres Damas**

Glória! Glória! Ao Príncipe da Turíngia!

Ao protetor da mais graciosa das artes. Glória! Glória! Glória!

*(Todos se assentam. A orquestra executa, pausadamente, uma espécie de música de cerimônia. Quatro pajens avançam e recebem de cada trovador um pequeno rolo de pergaminho com o nome de cada um. Os pajens colocam os pergaminhos numa taça de ouro, que apresentam a Elisabeth. A donzela desenrola o primeiro e entrega-o aos pajens. Esta cerimônia é acompanhada pela orquestra. Os pajens vão solenemente para o meio da cena )*

### **Os Quatro Pagens**

Wolfram von Eschenbach, começai!

*(Eles assentam-se aos pés do Landgraf e de Elisabeth. Wolfram se levanta. Tannhäuser apoiado em sua harpa, parece despertar de um sonho)*



## O Concurso de Canto

### Wolfram

Eu direciono minha vista para esta nobre assembleia, o meu coração palpita e se inflama com tão augusta visão!

Vejo aqui heróis, alemães, valentes e sábios,  
altivos, imponentes como carvalhos, de vivo e verde vigor;  
e vejo damas belas e virtuosas,  
com diademas perfumados com finas e amáveis flores.

Eu sinto que meu olhar se enleva com essa visão,  
meu canto é silenciado ante semelhante encanto e esplendor.

Então eu elevo meu olhar até uma única estrela, lá no alto dos céus, onde brilha para mim: meu espírito é confortado pela radiante distância e minha alma se prostra e se submerge em piedosa prece.

E, vede, eu contemplo uma fonte de delícias, à qual meu espírito se transporta no mais elevado êxtase, e ao seu manancial ele retira as delícias da mais santa indulgência, bálsamo indizível com o qual refresco o meu coração.

E nunca mais eu quero profanar essa fonte, ou turvar suas águas com pensamentos impuros: em devoção a ela eu a mim me sacrificaria e com prazer derramaria até a última gota do meu coração!

A vós, nobres, desejo expressar nessas palavras como a mim me parece ser a pura essência do amor.

*(Ele se senta)*

### **Cavaleiros e Nobres Damas** *(Com movimento de aprovação)*

Muito bem dito! Muito bem dito! Teu canto merece elogios!

*(Tannhäuser parece despertar de um sonho: a sua expressão transmuda-se de orgulho sombrio em êxtase. Assim, olha abobalhado em volta; um ligeiro estremecimento de sua mão, que inconscientemente busca as cordas de sua harpa, e um sorriso inquietante nascendo sobre seus lábios, mostram que uma magia estranha apossou-se de seu ser. No mesmo instante em que se levanta, toma resolutamente seu instrumento e toda a sua atitude o trai, como se tivesse perdido a noção de tudo em volta e nem sequer pode dar atenção a Elisabeth)*

### Tannhäuser

Oh, Wolfram, se é este o teu canto, desfiguraste mui claramente o amor!

Se tu o limitas a mórbidos suspiros,  
com certeza o mundo inteiro logo se esgotaria.

Para glorificar a Deus, nas sublimes alturas celestiais, levemos os olhos para os céus, contemplemos as estrelas: a adoração convém a tais maravilhas porque elas são inacessíveis!

Mas aquilo que se abre ao nosso afago,  
que se deleita perto de nosso coração e de nossos sentidos,  
o que foi criado como matéria  
e se curva para nós como suave carne,  
corajosamente devemos beber da fonte do prazer:  
o manancial de delícias, ao qual não se deve ter medo de misturar-se;  
eu de um salto junto-me a fonte tão inesgotável com meu inexaurível desejo.  
Tu, que jamais escorregaste para a fraqueza, fica ciente  
de que a fonte jamais se esgota, por isso meu desejo é sempre apetecível.  
Assim, ansioso por um eterno desejo, eu descubro nessa fonte eterno  
reconforto.

Aprende bem, Wolfram, tal é para mim a mais autêntica essência do amor! *(Ele se senta.  
Há um estupor geral. Elisabeth fica dividida entre o arrebatamento e a angustiante surpresa)*

### **Biterolf**

*(Levantando-se repentinamente, com cólera)*

Miserável, vieste aqui afrontar a todos nós!

Quem se conteria em ouvir-te?

Não ao desagrado, não à tua arrogância!

É tua vez de me escutar, blasfemador!

Sublime amor, sob tua bandeira minhas armas

e minha coragem se fazem mais cortantes;

com altivez e nobreza de sentimentos

eu perderia todo o meu sangue para evitar a ti o menor ultraje.

Para defender a honra e a virtude das nobres damas

como cavaleiro, eu o faço com a minha espada.

Mas, os prazeres a vil preço que perseguem tua juventude não valem nem um golpe de espada!

**Cavaleiros e Nobres Damas** *(Aplaudindo no máximo)*

Bravo! Biterolf!

### **Os Cavaleiros**

Aqui estão nossas espadas.

### **Tannhäuser**

*(Com um ardor sempre crescente, de um salto)*

Ah, Biterolf, fanfarrão imbecil!

Lobo raivoso, podes tu falar de amor?

Seguramente nunca tiveste conhecido aquilo

que eu acho prazeroso, pois tudo que demonstra prazer  
não desperta em ti nenhum sentimento.

Pobre bom homem, o que conheces do prazer?

Tua vida foi sempre carente de amor, e quanto às alegrias que conheceste, elas, por  
cento, não valem um golpe de chifarote!

**Os Cavaleiros** *(Na maior agitação)*

Não o deixai mais prosseguir!

Ponde um fim à sua audácia!

**O Landgraf**

*(A Biterolf, que tinha sacado a espada)*

Guardai a espada! Vós cantores permaneci em paz!

*(Wolfram levanta-se; imediatamente faz-se de novo silêncio)*

**Wolfram**

O céu, deixa-me agora implorar-te!

Dá a minha canção a consagração do prêmio!

Deixa-me ver banido o pecado desta nobre e pura assembleia!

Deixa minha canção ressoar.

A ti, sublime amor, celebro a minha canção, que penetrou em mim com beleza angeli-  
cal e profundamente com ímpeto na alma!

Tu vens de Deus, és seu enviado, reverente eu te sou na distância: assim, guia-me pela  
terra, onde para sempre brilha a tua estrela!

*(Entretanto, os pensamentos de Tannhäuser voltam-se de novo para a corte de Vênus. Louva a deusa,  
como fonte de toda a luz, devaneio e alegria, e finalmente aconselha aos cavaleiros que, se quise-  
rem saber o que é o amor, “corram velozes para a montanha de Vênus”. Horrorizada, a assembleia se  
dispersa).*

**Tannhäuser**

*(Saltando do assento, em estado de extrema exaltação).*

Para ti, deusa do amor faz ressoar minha canção, bem alto, deixa-me agora cantar em  
teu louvor!

Teu doce encanto e charme é a fonte de toda beleza!

E cada terno prodígio provém de ti!

Somente quem se estreitou nos teus ardentes braços conhece o que é o amor - somente ele pode sabê-lo.

Tristes e necessitados, que ignoreis como ela ama, ide, ide à montanha de **Venus!**

*(Todos se levantam. Há uma consternação geral)*

**Todos os Outros** Ah! O infame! Fugitivo!

O que ouvistes! Ele esteve no **Venusberg!**

### **As Nobres Damas**

Fora! Fora! Fora de sua presença!

*(Todas as damas abandonam o salão na mais completa consternação, com gestos de estarem horrorizadas. Somente permanece nele Elisabeth, que tem seguido com um pavor crescente a disputa dos cantores; pálida, ela só se mantém em pé com um extremo esforço, apoiada em uma das colunas de madeira do dossel. O Landgraf, todos os cavaleiros e cantores, abandonaram seus lugares e se agruparam. Tannhäuser fica calmo por um instante como se em êxtase. O Landgraf e os Cavaleiros formam um grupo; Tannhäuser está sozinho na extrema esquerda, ainda mergulhado em sonho extático. Os Cavaleiros, num coro agitado, gritam por vingança, contra o pecador que coabitou com Vênus: e avançam para Tannhäuser, com as espadas desembainhadas. Elisabeth interpõe-se. Escudando Tannhäuser com o próprio corpo ela pergunta-lhes que ferida mortal poderiam abrir-lhe, comparada com a que ele acaba de fazer-lhe no coração.)*

### **O Landgraf, os Cantores, os Cavaleiros**

Haveis entendido! Seus ímpios lábios reconheceram seu espantoso crime: ele provou os prazeres do demônio, ele coabitou com a deusa dentro do **Venusberg!**

Abominável! Monstro! Condenado! Excomungado!

Cravai vossas espadas no seu sangue!

*(Todos sacam as espadas bem alto e as direcionam para Tannhäuser, que adota uma postura desafiante. Elisabeth se interpõe entre eles)*

[Deixai-o ser condenado e banido

[e que ele vá de volta ao ilimitado fogo do inferno!

### **Elisabeth**

[Parem vossas mãos!].

*(Todos param atordoados)*

### **O Landgraf, os Cantores, os Cavaleiros**

O que eu ouvi? Como? Elisabeth!

A virgem casta intercedendo pelo pecador irremediável?

### **Elisabeth**

*(Cobrindo o corpo de Tannhäuser com o seu)*

Para trás! Eu já não temo mais a morte!

De que vale a ferida de vossas espadas contra o golpe mortal que eu dele recebi?

**O Landgraf, os Cantores, os Cavaleiros**

Elisabeth, que devo ouvir?

Como pode assim teu coração enganar-te, ao ponto de evitar a punição para ele que tão repugnantemente te enganou?

*(Até este ponto, o ato é um clímax sempre crescente. )*

**Elisabeth**

O que tem a ver comigo? Mas, e a salvação dele?

Quereis roubar-lhe sua salvação eterna?

**O Landgraf, os Cantores, os Cavaleiros**

Ele repudiou sua fé e toda esperança de salvação;

jamais poderá obter o perdão de Deus!

A maldição divina caiu em cheio sobre ele!

Envolvido nos seus pecados ele se conduz!

*(Eles avançam de novo sobre Tannhäuser)*

**Elisabeth**

Afastai-vos dele! Vós não sois seus juízes!

Bárbaros! Lançai à parte as vossas selvagens espadas e escutai as palavras de uma virgem sem mancha!

Aprendei por minha voz a vontade de Deus!

Esse infeliz homem, que um terrível, poderoso feitiço o segurou cativo, -

o quê! Pode ele nunca encontrar a salvação

através do arrependimento e da expiação neste mundo?

Vós que vos proclamais tão fortes na verdadeira fé, desconheceis assim o ensinamento do Todo Poderoso?

Quereis vós subtrair a esperança para o pecador, então dizei, o que ele fez de mal para vós?

Olhai-me, a jovem virgem, na qual ele despedaçou com um golpe brutal o prazer de viver, a mim que o amava do mais profundo do meu ser, ele traspassou o coração, que era só júbilo!

Imploro por ele, imploro por sua vida,

A fim de que, arrependido, ele encontre seu caminho de penitente!

Deixai-o recobrar o ânimo da fé porque o Salvador outrora também padeceu por ele!

*(Aos poucos, acalma-se em Tannhäuser a infernal exaltação. As últimas palavras de Elisabeth, arroja-se ao chão, dominado pelo arrependimento)*

“Ai de mim! Ai de mim ” exclama; “como pequei! ” **Os Cavaleiros** começam a abrandar-se. “Um anjo desceu do céu”, cantam “e trouxe de Deus uma santa mensagem... Tu lhe deste a morte e ela implorou o teu perdão”. Tannhäuser solta um brado de remorso e faz um apelo apaixonado ao Céu, implorando clemência. Esta passagem é coroada por magnífico clímax coral. )

**Tannhäuser**

*(Em terrível contrição, desmoronando)*

Ó dor! Ó dor! Um miserável eu sou!

**O Landgraf**, os Cantores Um anjo desceu da luz do éter e trouxe uma santa mensagem de Deus!

Olhai-o, tu, infame traidor!

Olhai-o, nela!

**Os Cavaleiros**

Olhai-o, tu, traidor infame!

Olhai-o nela!

**O Landgraf, os Cantores, os Cavaleiros**

Tu deste a ela a morte, e ela pede por tua vida! *(Ela implora por ti)*

Quem ficaria indiferente, ouvindo a imploração de um anjo?

Eu também não poderia a culpa,

*(nunca/jamais perdoá-lo)*

mas, eu não posso contrariar a voz do céu.

*(Não posso contrariar a palavra celestial)*

**Tannhäuser**

Para me conduzir, como pecador, pelo caminho da salvação, veio até mim a mensageira de Deus.

Mas eu, oh!, pleno de um desejo abjeto, ousei alçar sobre ela o olhar de um ímpio!

Ó tu que reinas além dos abismos terrestres, e que pela minha salvação me encarregas um anjo, tem piedade de mim, porque, ah!, corroído pelo pecado, desonrado, fui ingrato à intercessora celeste.

Tem piedade de mim! Ah, tem piedade de mim!

**Elisabeth**

Eu intercedo por ele, eu suplico para que ele viva, a fim de que, arrependido, encontre seu caminho de penitência!

Deixai-o recobrar o ânimo da fé em nosso Redentor, que ele creia que este outrora também padeceu por ele!

*(Quando termina, o Landgraf dirige-se solenemente para o centro da cena, expulsa o pecador do*

grêmio dos Menestréis e declara-lhe que um único recurso lhe sobra: “um grupo de Peregrinos está a caminho de Roma; Tannhäuser que se junte a eles e vá prostrar-se penitente aos pés de Deus e pedir perdão ao Papa. **Os Cavaleiros** repetem a exortação: “Mit ihnen sollst du wallen zur Stadt der Gnaden huld” (Com eles deves ir à cidade da indulgência). Caso contrário, matá-lo-ão ali mesmo! Através do burburinho, percebe-se a voz de Tannhäuser, na agonia do remorso, e a de Elisabeth, ainda a interceder por ele)

### **O Landgraf**

*(Avançando solenemente até o centro)*

Um crime abominável vem de ser aqui cometido.

Carregado de maldição, sob uma máscara de hipocrisia, o filho do pecado foi introduzido em nosso meio.

Nós te expulsamos de nosso grupo - te proibimos de habitar perto de nós; nossa mesa por ti foi profanada; o céu ele mesmo te observa, ameaçador, neste teto que há muito te abrigou.

Portanto, ao envolvido pela condenação eterna, um caminho resta aberto que conduz à tua salvação: ao te banir desta terra eu te o indico.

Toma-o e salva a tua alma!

Reunidos se encontram em minhas terras peregrinos penitentes, em grande número; os mais velhos já marcham à frente; os mais jovens descansam ainda no vale.

Para confessar seus pecados, os mais veniais, não concedem ao seu coração nenhum repouso.

Para apaziguar suas paixões com penitência, eles se dirigem a Roma, às festas do perdão.

### **O Landgraf, os Cantores, os Cavaleiros**

Com eles deves peregrinar à cidade do perdão, ajoelhar-te lá em baixo no pó, a fim de expiar os teus pecados!

Prostrar-te-ás diante daquele que proclama a sentença divina; mas, não retomes jamais, se ele não te conceder de nenhum modo a absolvição!

[Nossa vingança, fomos forçados a sobrestá-la [porque um anjo intercedeu por ti,

[mas esta espada te fará perecer

[se persistires na vergonha e no pecado!

*(Ouve-se o hino dos peregrinos, no vale ao longe. Todos, na cena, mostram-se involuntariamente calmos e, em silêncio, escutam o hino).*

### **[Elisabeth**

[O Deus da misericórdia e do perdão,

[concede-lhe a graça de ir até o teu santuário!

[Embora ele tenha caído tão baixo [perdoa suas dívidas de pecado!

[Só por ele eu quero te implorar,

[que minha vida de hoje em diante seja somente preces.  
[Deixa-o ver a luz radiante da graça [antes que a eterna noite o chame!  
[Aceita este sacrifício  
[com um estremecimento de alegria!  
[Toma minha vida, oh!, toma-a!  
[Eu não a considero mais minha!

**[Tannhäuser**

[Como poderei obter o perdão?  
[Como poderei expiar meus pecados?  
[Eu vi desfalecer a minha salvação;  
[a graça divina fugiu de mim.  
[Mas eu peregrinarei à frente, como um romeiro,  
[a fim de derrotar o mal no meu coração,  
[e ajoelhar-me-ei no pó da estrada;  
[minha contrição será a minha vontade.  
[Oh, que me perdoe somente [o meu anjo da guarda;  
[ele que, insolentemente, foi por mim desonrado;  
[ele que se sacrificou pela limpeza da minha alma!

**Os Jovens Peregrinos**

*(Longe, ao findo, como se viessem lá debaixo do vale)*

Na sublime festa do perdão e da graça humildemente expiarei meus pecados!  
Abençoado o que se mantém fiel à sua fé: pela penitência e arrependimento será salvo.

*(Involuntariamente, todos moderam seus gestos. Como para proteger Tannhäuser ainda mais, Elisabeth se interpõe entre ele e os outros. Isto obriga cada um a ter atenção ao canto dos peregrinos, cheio de promessas. Tannhäuser cessa subitamente seus movimentos inflamados de arrependimento e escuta o cântico. Um súbito raio de esperança e confiança o ilumina; com um ímpeto frenético, ele se lança aos pés de Elisabeth, ardentemente e depressa beija a bainha de seu vestido e, então, cambaleando de emoção, parte chorando)*

**Tannhäuser**

A Roma!

*(Ele corre para fora)*

**Todos**

*(Em direção a Tannhäuser)*

A Roma!

*(O pano desce, enquanto a orquestra faz retumbar o Motivo da Expição).*

---

**Fim do Segundo Ato**

---



---

## Terceiro Ato

---

O terceiro ato começa com uma longa introdução orquestral, que na partitura tem o título de “Peregrinação de Tannhäuser”. Principia com o Tema da Penitência, tirado do Hino do Peregrino, que é respondido pelo Motivo da Intercessão, cantado por Elisabeth, durante a cena final do segundo ato. Ambos dialogam por momento, e depois se ouve nas violas, seguidas dos violinos, o que conviria chamar-se de Motivo do Desalento, porque simboliza o colapso físico e moral de Tannhäuser. Sob o peso dos seus pecados e sofrimentos. Os três motivos são habilmente entrelaçados dentro duma tessitura coerente. A seguir, vem o Tema do Arrependimento e após, outras frases do Hino do Peregrino, que também se faz ouvir de vez em quando. Os instrumentos de corda executam o Motivo da Vibração da Vida, duas vezes interrompido por um novo tema, o da Graça Celestial, executado com toda a força, pelos metais. Depois, lentamente em surdina, os violinos repetem o mesmo motivo que, pouco a pouco, se funde numa linha simples e delicadamente fluida, interpretada pelos violoncelos; com este acompanhamento sobe o pano.

O cenário é o vale fronteiro do Wartburg, como no fim do primeiro ato, com a diferença de que agora tudo tem cor outonal. O sol está no ocaso. Na pequena eminência à direita, Elisabeth, prostrada de joelhos, reza diante do altar da Virgem. Da floresta, ao alto, à esquerda, vem Wolfram; a meio caminho da descida vê Elisabeth. Em acentos profundamente sentidos, medita sobre a triste sorte da moça: sempre quando desce das alturas para o vale, é certo encontrá-la ali, absorta, a orar por Tannhäuser, esperando todos os dias a volta dos Peregrinos, que devem estar de regresso, quando as folhas estiverem secas. Virá Tannhäuser com eles? “Oh, concedei-lhe o que ela pede, vós santos do céu! Se assim não for possível, se a sua ferida nunca puder sarar, dai-lhe ao menos algum alívio.”

Precisamente quando Wolfram se dispõe a descer mais para o vale, estaca. Muito longe, mas aproximando-se gradativamente, ouve-se o coro dos Peregrinos, que cantam o hino da Salvação pela Graça, com palavras nas quais saúdam, de coração alegre, o seu regresso à pátria amada. Findou a penitência, obtiveram o perdão e, daí em diante, os seus bordões de peregrinos poderão descansar. O canto chega também aos ouvidos de Elisabeth. Levanta-se, escuta, balbuciando, entre as frases do hino, a sua esperança de que os santos lhe darão forças para aquilo que agora deve fazer.

Aproximando-se, os Peregrinos continuam com o Motivo do Arrependimento e, por fim, entram no palco à direita. Cantando sempre a sua gratidão ao céu, passam lentamente pelo outeiro e descem ao vale, no fundo da cena, onde aos poucos desaparecem. É tradição, entre os sopranos líricos, que Elisabeth se mova ao longo da fila dos Peregrinos, examinando cada rosto, na esperança de encontrar Tannhäuser; mas, a julgar pelas instruções de cena, Wagner queria que ela ficasse onde, desde o princípio, se achava, apenas perscrutando as filas dos Peregrinos, ao passarem. Após a retirada do último, em acentos simples, que, apesar de toda a resignação da donzela, são de comovente intensidade, Elisabeth exclama: “Não mais voltará!” Wagner sempre soube estar à altura de um momento como este; quando toda a tragédia de uma situação tinha de ser condensada em dois ou três compassos, o maestro invariavelmente encontrava a frase musical precisa que a expressasse.

A última toada dos Peregrinos perde-se ao longe, quando Elisabeth, em solene exaltação, cai de joelhos e entoa à Virgem um apelo espiritual e apaixonado, para que a leve consigo ao reino da pureza: a expressão musical, com sua ampla melodia e ricas harmonias, intensifica-se

por uma frase oblato repetida pelo clarinete baixo. Durante muito tempo, Elisabeth permanece em devoto enlevo: quando se ergue, avista Wolfram, que se aproxima como para lhe falar. Com um gesto, suplica-lhe que se cale; mas o cavaleiro quer conduzi-la para casa. Sem poder ainda falar, a donzela agradece com um gesto o amor e a fidelidade de Wolfram e dá-lhe a compreender que ela deve ir ao céu onde tem uma alta missão a desempenhar e para onde partirá sozinha. Sobe lentamente o monte e desaparece no caminho que leva ao Wartburg, enquanto a orquestra, suavemente, entoia o tema do amor desinteressado e da renúncia de Wolfram, tirado da sua canção do segundo ato. Os sons da orquestra sobem mais e mais, adquirindo sempre maior delicadeza espiritual nos instrumentos de sopro; entretanto, depois de seguir Elisabeth com os olhos até perdê-la de vista, Wolfram senta-se numa colina à esquerda e começa a preludiar na harpa.

Então, por um daqueles efeitos em que Wagner sempre se distinguiu e nos quais as coisas vistas e as ouvidas se fundem na mesma impressão, verificamos ter caído a noite, graças à cor profunda dos trombones, que como um manto escuro envolve os matizes claros, até aqueles associados a Elisabeth. A noite, Wolfram a vê como um símbolo que escurece a terra e aterroriza a alma, fazendo-a desejosa de abandonar o vale, para subir aos montes. Porém, no céu está a estrela vespertina contra cuja irradiação pura não pode prevalecer a treva e que “aponta o caminho através do vale”. Acompanhando-se na harpa, canta a bem conhecida ária da “Estrela Vespertina”, que tanta vez lhe aliviou o coração do peso dos cuidados. Suplica-lhe que saúde a triste moça, quando ela deixar “o vale da terra” para “tomar-se um anjo no céu”. Com olhos erguidos para o firmamento, continua a tocar a harpa, mesmo depois de acabada a canção, enquanto os violoncelos da orquestra entoam, mais uma vez, a área familiar.

É agora noite cerrada. Ouve-se um motivo sombrio, nas trompas e fagotes, ao qual se contrapõem as notas agitadas dos instrumentos de corda; é o Motivo da Maldição.

Tannhäuser entra, em túnica andrajosa de peregrino; tem o rosto angustiado e contraído: anda com dificuldade, encostando-se pesadamente no seu bordão. Aos seus ouvidos chegaram os sons melancólicos da harpa de Wolfram. Wolfram aproxima-se do estranho: pergunta quem é e por que esteve em peregrinação. Tannhäuser, porém reconheceu o amigo e responde com ironia: “Quem sou eu? Entretanto conheço-te bem. És Wolfram, o hábil menestrel!” Wolfram precipita-se ansioso para a frente; gritando: “Henrique, pergunta-lhe por que é que regressou impenitente ao seu velho vale. Com o coração ainda cheio de suspeitas e inimizade, Tannhäuser responde-lhe que não se moleste, pois não é a ele que procura nem a nenhum dos seus dignos companheiros. Vem-lhe então aos lábios uma nota de ardente súplica: está apenas em busca de alguém que lhe mostre o caminho que outrora encontrou milagrosamente - o caminho da montanha de Vênus. Horrorizado, Wolfram conjura-o a que lhe conte tudo. Não foi então a Roma? Não implorou perdão? Irado, como que procurando despertar a memória fugidia, Tannhäuser replica com amargura: “Sim, fui a Roma!” Imediatamente, porém, compreende que Wolfram não é seu inimigo. E sentando-se, exausto, ao pé do rochedo, vai começar a narrativa, quando Wolfram se estende ao seu lado. Tannhäuser pede-lhe que se afaste de um homem amaldiçoado e Wolfram afasta-se um pouco. O cavaleiro conta-lhe então toda a sua romaria: como foi com os outros peregrinos a Roma, privando-se dos confortos que os outros se permitiam, sempre pensando no anjo, cuja voz se erguera

para interceder por ele; como resolvera enxugar, pela penitência, todas as lágrimas que tinha protagonizado à donzela. Durante a narração, ouve-se incessantemente, na orquestra, o torturado tema do “Desalento”. Por fim, conta como chegou a Roma: o dia tinha rompido, os sinos repicavam em todos os campanários, os corações estavam prenhes de alegria e de esperança. Ajoelhados diante “daquele que possui as chaves do céu”, viu milhares de perdoados seguirem jubilosos o seu caminho. A orquestra executa aqui o tema da “Graça”. Mas, quando pediu que o confessassem, repeliram-no com as terríveis palavras: “Se habitastes na montanha de Vênus, és para sempre maldito! Assim como no bordão sem vida onde, é certo, nunca crescerá folha, assim tu nunca encontrarás salvação dos fogos consumidores do inferno!”. Caiu por terra, envergonhado e, quando acordou tombara a noite. Achava-se sozinho, ouvindo ao longe as canções felizes dos perdoados, de regresso ao lar. Depois, voltou-se e fugiu, com um único desejo no coração: tornar a ser recebido por Vênus. A razão abandona-o e Tannhäuser, em delírio, implora à deusa que o transporte de novo ao seu regaço. Adensa-se a noite; vapores sutis envolvem a cena e Wolfram sente no ar um influxo diabólico. Aterrorizado, tenta puxar Tannhäuser para junto de si; mas, precisamente então, as trevas começam a brilhar com uma luz rosada, enquanto atrás da cena se ouve a música das Sereias. Quando o encantamento se aproxima, e se torna visível um redemoinho de formas dançantes, Tannhäuser excita-se alucinadamente. Por fim, envolta em róseos raios de luz, aparece Vênus, reclinada no leito. Em tons sedutores, manda-o aproximar-se, lembrando-lhe a predição de que os homens o repeliriam e que ele haveria de voltar; promete-lhe êxtases ainda mais alentadores que os antigos. Aos gritos de que sua alma está perdida, Tannhäuser luta com Wolfram para chegar-se à deusa. No momento em que solta o amigo, Wolfram pronuncia o nome Elisabeth: Tannhäuser repete o nome e fica como que pregado ao chão. Atrás da cena, ouvem-se as vozes **dos Cavaleiros**, a rezarem pela alma de Elisabeth, que acabara de abandonar o corpo. Wolfram exclama: “O teu anjo ora por ti no alto trono de Deus; a sua oração é ouvida. Henrique, estás redimido!” Vênus grita desesperada: “Infeliz de mim! Perdi-o!”.

Os vapores adensam-se por um momento, rasgados pela cintilação dos fochos; depois, desvanecem-se por completo. Rompe a manhã e, do Wartburg, desce uma procissão, com tochas acesas - à frente vêm os velhos Peregrinos, seguidos dos Menestréis que, num caixão aberto, carregam o corpo de Elisabeth; encerram o cortejo, o Landgrave, Cavaleiros e nobres. Os homens que rodeiam o caixão cantam: “abençoada seja a pura donzela que agora, com os santos, cerca o trono do Senhor”. Tannhäuser, conduzido ao pé do caixão, por Wolfram, reclina-se sobre o corpo de Elisabeth e cai sem vida ao solo, após bradar seu último alento: “Santa Elisabeth, orai por mim!” Todos inclinam as tochas, apagando-as, e a cena fica iluminada apenas pela rósea luz da madrugada. Entram agora os Peregrinos mais jovens, trazendo um bordão, que Tannhäuser usara na peregrinação a Roma, coberto de folhas verdes, e cantam a seguinte melodia:

“Heil! Heil! Der Gnade Wunder, Heil! Erlösung ward der Welt zu Teil” (Salve, salve! Milagre da Graça, salve! A Redenção foi dada ao mundo!) que simboliza o milagre da redenção da alma de Tannhäuser. Finalmente, todos entoam, em conjunto majestoso, o motivo da Salvação pela Graça, acompanhados pelas notas pulsantes dos violinos, que tocam como na ouverture.

## Introdução

Longa introdução orquestral (*peregrinação de Tannhäuser*), como descrita acima..

*(O vale fronteiro ao castelo de Wartburg; à esquerda o Hörselberg - como no final do 1º ato, somente que com as cores do outono. O dia declina. Sobre o pequeno promontório rochoso da direita, Elisabeth está prosternada diante da imagem da virgem Maria, mergulhada em uma fervorosa prece. - Wolfram desce da colina arborizada da esquerda; a meio caminho para e avista Elisabeth)*

## CENA 1

### Wolfram

Eu bem sabia que a encontraria aqui em prece,

como frequentemente a tenho visto,

quando sozinho desço do alto da colina verde até o vale.

Ela traz em seu coração a morte que ele semeou, sua dor é pungente e ela reza assim, dia e noite, pela salvação dele:

ó amor abençoado, como é grande a tua força!

Ela espera os peregrinos de volta de Roma.

As folhas, amareladas, já estão caindo, eles não tardarão mais.

Regressará ele com os perdoados?

Esta é sua pergunta, esta é sua súplica.

Sua santificação deixa transparecer o seu sofrimento!

Mesmo que nada possa cicatrizar sua ferida, ao menos outorga-lhe essa consolação!

*(Quando ele decide descer para o mais fundo do vale, ouve o canto dos idosos peregrinos e para)*

Os Peregrinos mais Idosos *(Desde longe, aproximando-se lentamente)*

Agora me tomo feliz, minha pátria, ao contemplar-te e saudar-te alegremente nos teus amados prados; hoje repousará meu bastão de peregrino, porque, fiel ao Senhor, eu concluí minha peregrinação.

### Elisabeth

*(Levanta-se e escuta o canto)*

É seu canto! São eles! Eles estão retomando!

Ó santos, mostrai-me agora minha missão, a fim de que possa cumpri-la dignamente!

### Wolfram

*(Durante o canto aproximou-se lentamente)*

São os peregrinos! Seus piedosos cânticos anunciam que eles obtiveram a graça e o perdão.

O céu, conforta seu coração neste momento crucial de sua vida!

Os Peregrinos mais Idosos Eu ofereci ao Senhor minha contrição, minha penitência; meu coração lhe pertence porque sua bênção coroou meu arrependimento!

Louvor a ti, Senhor!

(Aqui os peregrinos aparecem em primeiro plano à direita; durante a sequência, fazem a volta na saliência da montanha e devagar vão-se movendo ao longo do vale até o fundo e desaparecem)

A graça da salvação é garantida com a penitência, ela me conduzirá um dia à paz da eterna bem-aventurança; inferno e morte não mais me amedrontam, por toda a vida exaltarei o nome de Deus.

Aleluia! Aleluia, até a eternidade!

### **Elisabeth**

*(Que do promontório onde se encontra busca com grande agitação ver Tannhäuser, os olhos fixos nos peregrinos que desfilam; com uma calma dolorosa).*

Ele não retomou!

*(Os peregrinos já estão fazendo a volta no fundo, e se afastam cada vez mais e desaparecem finalmente numa abertura do vale à direita).*

### **Os Peregrinos**

O minha pátria, é-me permitido enfim te contemplar e alegremente saudar-te nos teus queridos prados.

Agora me deixa fazer repousar meu cajado de peregrino.

*(As vozes se perdem ao longe)*

### **Elisabeth**

*(Cai de joelhos com uma grande solenidade)*

Virgem toda poderosa, escuta minha prece!

Rainha da Glória, eu te imploro!

Deixa-me diante de ti ser eliminada no pó.

Oh, leva-me deste mundo!

Faze que, pura e semelhante aos teus anjos, eu entre em teu santo regaço!

A cada vez que, prisioneira de tolas ilusões, meu coração se houver afastado de ti, se um desejo maligno, mais de inclinação aos prazeres do mundo, persuadiu o meu espírito,

eu te asseguro que me esforcei, sofrendo muitas dores, para os destruir em meu seio.

Se não pude penitenciar-me por cada erro, então, apieda-te de mim, a fim de que mui

humildemente te renda devoção e dignamente possa me aproximar de ti, como serva fiel, e confiante em tua mais abundante graça misericordiosa, possa implorar teu perdão por seus pecados.

*(Ela demora um momento em fervoroso êxtase; quando se recompõe lentamente, apercebe-se de Wolfram que se aproxima com a intenção de abordá-la. Com um gesto, ela lhe pede para não fazê-lo)*

### **Wolfram**

Elisabeth, tu não me aceitas, que eu te acompanhe?

*(Elisabeth faz-lhe ainda compreender, por gestos, que lhe é reconhecida, do fundo do coração, pelo seu fiel amor; mas seu caminho a conduz sozinha até o céu onde ela deve terminar uma nobre missão; por isso que lhe roga de a deixar partir sem a acompanhar, ou mesmo a seguir. Ela sobe o atalho no meio do outeiro que conduz ao Wartburg; pouco a pouco desaparece, logo que sua silhueta deixa de ser visível ao longe, Wolfram, que durante todo o tempo seguiu Elisabeth com os olhos, assenta-se ao pé da colina à esquerda do vale e começa a tocar sua harpa)*

## **CENA 2**

### **Wolfram**

Premonição fúnebre, esse crepúsculo sobre a terra, envolvendo o vale com sua sombra cinza; até a alma que deseja elevar-se ao céu estremece ao ouvir as asas desta noite lúgubre.

Mas tu apareces então, oh, tu a mais charmosa das estrelas, e nos envia de longe o reconforto da tua luminosidade; teu caro raio traspassa o crepúsculo e suas trevas, e tu nos mostras, ó amiga, por onde sair do vale.

Ó tu, minha mui tema e gentil estrela vespertina, ditoso eu te saúdo sempre com grande prazer; do fundo de um coração que nunca a traiu, eu te peço, saúda-a por mim, quando ela passar perto de ti, quando ela deixar este vale de lágrimas, para começar a ser, no céu, um anjo bem-aventurado.

*(Ele continua a tocar a harpa, os olhos tristes fixos no céu)*

## **CENA 3**

*(A noite chegou por completo. Tannhäuser entra em cena. Ele porta rompidas suas vestes de peregrino; seu aspecto é de palidez, com o rosto desfigurado; ele avança cambaleante, esgotado, apoiando-se em seu bastão.)*

### **Tannhäuser**

*(Com uma voz apagada)*

Eu ouvi os acordes de uma harpa, mas muito tristes!

Com certeza não poderia ser dela!

### **Wolfram**

Quem és tu, peregrino, que tão solitário caminhas?

**Tannhäuser** Quem sou eu?

Mas eu te conheço muito bem! Wolfram és tu,  
*(sarcástico)* o campeão dos torneios de canto!

**Wolfram**

*(Reagindo energicamente)*

Henrique! Tu?

Que vens fazer por estas paragens? Fala!

Como te atreves, ainda não absolvido,  
a retornar a esta região,  
se teus pecados não foram perdoados?

**Tannhäuser**

Estás fora de si, ó melhor menestrel!

Não procuro por ti, nem por qualquer outro de teu clã *(com uma espantosa expressão de lascívia)*

Mas eu busco alguém que possa me mostrar, sem engano, o caminho que outrora descobri aqui, tão maravilhoso, eu acho...

**Wolfram**

E qual é esse caminho?

**Tannhäuser**

O caminho do Venusberg.

**Wolfram**

Que coisa terrível! Não profanes mais meus ouvidos!

É esta a tua meta?

**Tannhäuser**

Conheces por acaso o caminho?

**Wolfram**

Insensato! O pavor me estremece em te escutar!

Onde estiveste? Por acaso não foste a Roma?

**Tannhäuser** *(Com fúria)*

Não me fales de Roma!

**Wolfram**

Não estiveste na Festa da Bem-Aventuraça?

**Tannhäuser Não me fales disso!**

**Wolfram**

Então, não estiveste lá? Dize?

Eu te suplico!

**Tannhäuser**

*(Como se isto reanimasse nele um doloroso ressentimento)*

Claro que também estive em Roma...

**Wolfram**

Então fala! Esclarece-me! Infeliz homem!

Eu estou cheio de compaixão por ti!

*(Tannhäuser observa Wolfram longamente, espantado e surpreendido)*

**Tannhäuser**

O que tu dizes, Wolfram? Não és então meu inimigo?

**Wolfram**

Jamais o fui, por isso te julguei piedoso!

Mas, dize, tu peregrinaste a Roma?

**Tannhäuser**

Agora, então, ouve! Tu, Wolfram, saberás tudo.

*(Ele, esgotado, senta-se ao pé do rochedo. Wolfram tenta sentar-se bem ao seu lado)*

Longe de mim!

O lugar onde eu descanso torna-se maldito!

*(Wolfram fica em pé a uma pequena distância de Tannhäuser)*

Escuta, Wolfram! Escuta!

Com o coração ardente de um fervor, como nenhum outro penitente jamais experimentou, eu busquei o caminho para Roma.

Eu, o arrogante, que havia perdido esse orgulho do pecador,

que um anjo, ah!, me tinha vindo arrancar;

em homenagem a ele, humildemente, eu queria expiar,

implorar o perdão que me tinha sido denegado,

a fim de pagar menos lágrimas amargas,

que desde algum tempo ele derrama sobre meu crime.



Como, ao lado de mim, o modo do irmão peregrino marchar  
na estrada, parecia-me demasiado leve:  
então, quando ele pisava a tenra relva das planícies,  
meus pés buscavam os espinhos e as pedras;  
quando ele outorgava aos seus lábios água fresca de uma fonte,  
eu buscava o abrasamento do sol sobre os meus;  
quando piedoso dirigia uma prece aos céus,  
eu, era meu sangue que fazia correr em honra do mais alto;  
eu me martirizava lançando meu corpo sobre a neve e o gelo.  
Os olhos fechados, para nada ver de suas belezas, eu atravessava como um cego as do-  
ces planícies da Itália.  
Eu fiz tudo isto, desejando aniquilar-me, na minha autoestima,  
para expiar os pecados e ocasionar menos lágrimas amargas ao meu anjo.  
E foi assim que eu cheguei a Roma, a Cidade Santa.  
Lá eu me estendi, orando, sob o umbral do santo lugar.  
O dia se erguia: os sinos repicavam e hinos celestes chegavam até nós;  
nós exultávamos com fervor e alegria,  
porque eles nos prometiam o perdão e a salvação!  
Então ele me apareceu, ele, que proclama o oráculo de Deus, e diante dele cada um se  
prosternava no pó.  
A milhares ele deu seu perdão; a milhares, arrebatados, ele ordenava de irem em paz.  
À minha vez, eu avançava e, com a fronte sobre a terra, com gestos dilacerantes, eu me  
acusava desse prazer maligno, que meus sentidos haviam conhecido; desse desejo que  
nenhuma penitência havia feito calar;  
para ser libertado dessa servidão ansiosa, eu implorava seu socorro, atormentado mo-  
ralmente de selvagens sofrimentos.  
E ele, a quem eu desse modo supliquei, respondeu-me assim: “Se tiveres sentido se-  
melhante desejo pecaminoso e animado tuas paixões nas chamas infernais; se tiveres  
coabitado dentro do Venusberg, então estarás para sempre condenado.  
Como este bastão, em minha mão,  
nunca mais brotará em folhas verdes,  
assim tão certo como os tições que queimam no inferno,  
jamais nenhuma redenção florescerá para ti!”  
Então eu desabei, arrasado;

o nada agarrou-me; eu perdi todos os meus sentidos..  
Quando despertei, sobre a praça deserta, a noite se estendia.  
Ouvia-se ao longe os alegres cânticos dos abençoados.  
Seus doces cânticos agora me eram repulsivos!

Para fugir ao eco dessas promessas enganadoras, cujas melodias, frias como o gelo, congelavam-me a alma, espavorido, tomei o curso da estrada como um louco, impelido por aquilo que, sobre seu peito ardente, me saciara outrora de felicidades e alegria!

*(Com uma terrível exaltação)*

A ti, Senhora Venus, eu retomo  
para a doce noite de teus encantamentos;  
à tua corte eu subo de volta,  
onde, doravante, para sempre teu charme me sorrirá!

**Wolfram**

Para! Para, homem infeliz!

**Tannhäuser**

Ah, não me deixes procurar-te em vão!

Como foi fácil encontrar-te da primeira vez!

Ouve, doce deusa, agora os homens me recusam e praguejam! *(A noite é negra; leve névoa cobre pouco a pouco a cena)*

**Wolfram**

*(Com intenso horror)*

Insensato! A quem tu invocas?

**Tannhäuser**

Rá! Não sentes como o ar virou uma suave brisa?

**Wolfram**

Fica comigo, ou estarás perdido!

**Tannhäuser**

Não sentes estes perfumes suaves?

*(As névoas começam a derramar um entardecer rosado)*

Não ouves esses jubilosos clamores?

**Wolfram**

Meu coração estremece de um terror atroz!

**Tannhäuser**

*(Mais e mais excitado, nunca tão perto a magia veio)*

É o cortejo das ninfas, que dançam!

Para aqui! Para aqui! Venham para aqui com alegria e prazer! *(Distinguem-se agora os movimentos das ninfas que dançam)*

**Wolfram**

Ó dor! O inferno abre sua boca e vomita sua magia!

A selvageria do inferno toma curso aqui perto!

**Tannhäuser**

O arrebatamento aumenta repentinamente em meu ser quando vejo este rosa brilhando!

Isto é a magia *(de Mina)* do reino do amor!

*(Fora de si)*

Vamos penetrar no Venusberg!

*(Vênus aparece em uma rósea luminosidade, reclinada em seu leito)*

**Venus.**

Seja bem-vindo, homem infiel!

Rejeitou-te o mundo e estás banido?

E agora que em nenhum lugar encontraste compaixão procuras amor e carinho em meus braços?

**Tannhäuser**

Senhora Venus, ó tu plena de misericórdia!

A ti, a ti eu me dirijo!

**Wolfram**

Encantamento do inferno, desaparece, desaparece!

Não seduz o coração de um puro!

**Venus**

Aproxima-te novamente de meu reino, eu perdorei tua insolência; a fonte de prazeres correrá eternamente para ti e nunca mais deverás fugir de mim!

**Tannhäuser**

*(Arrastando-se resolutamente, brutalmente segurado por Wolfram)* Minha salvação, minha salvação eu perdi,

[Agora deixa-me escolher as delícias do inferno!

**Wolfram**

[Deus todo poderoso vem em ajuda deste *que sempre acreditou em ti!* [(Ele puxa Tannhäuser para trás)

---

[Henrique!

**Venus**

(O medo está crescendo nela)  
Ó vem!

**Wolfram**

Uma só palavra te salva! Tua libertação!

**Venus**

[Ó vem! Para sempre sê meu!

**ITannhäuser** *(Para Wolfram)*

Deixa-me!

Desgarra-te de mim!

**Wolfram**

Tu podes ainda, pecador, obter o perdão de tua alma!

**Venus**

O vem!

*(Tannhäuser e Wolfram lutam desesperadamente)*

**Tannhäuser**

Nunca, Wolfram! Jamais!! Eu devo ir para o regaço dela!

**Wolfram**

Um anjo intercedeu por ti sobre esta terra, logo, para te abençoar, ele te tomará sob suas asas.

**Venus**

Vem, vem!

**Tannhäuser** *(Para Wolfram)*

Deixa-me!

**Venus**

Vem pra mim! Vem pra mim!

**Wolfram**

[Elisabeth!

**fTannhäuser**

*(Que acabara de se livrar dos braços de Wolfram, remanesce subitamente como se pregado no chão)*

**Os Cantores. Coro de Homens** *[(Atrás da cena)*

[Santa mártir, paz à tua alma,

[libertada de teu corpo!

**Wolfram**

*[(Com uma sublime emoção)*

[Por ti teu anjo está de joelhos diante do trono de Deus.

[Ele ouviu suas orações: Henrique, tu está salvo!

**Venus**

Ó dor! Ele está perdido para mim!

*(Ela desaparece e com ela a inteira visão mágica. O vale, iluminado pelo sol levante, torna-se de novo visível; um cortejo fúnebre aparece no desfiladeiro, proveniente do Wartburg, carregando um ataúde aberto)*

**Os Cantores. Coro de Homens**

Ela obteve a alegria da bem-aventurança,  
suprema recompensa dos anjos no céu.

**Wolfram**

*(Estreitando gentilmente a Tannhäuser)*

Tu ouves o canto?

**Tannhäuser**

*(Totalmente extenuado)*

Eu o ouço!

*(Neste momento, o cortejo fúnebre chega ao fundo do vale. Os peregrinos de idade avançada estão à frente; os nobres carregam o caixão aberto onde repousa Elisabeth; o Landgraf e os menestrelis o acompanham de lado; condes e nobres os seguem.)*

**Os Menestrelis. Coro de Homens**

É Santa a purá, que agora

contempla a eternidade na comunhão dos santos!

Bem-aventurado o pecador pelo qual ela chorou; para ele ela obteve o perdão e o Paraíso!

*(A um sinal de Wolfram, o ataúde é trazido e colocado no meio da cena. Wolfram conduz Tannhäuser até o ataúde. Debruçado sobre o despojo de Elisabeth, Tannhäuser cai lentamente até o chão.)*

**Tannhäuser**

Santa Elisabeth, orai por mim!

(Ele morre. Todos depositam suas tochas no chão e as apagam. A aurora traz completa claridade à cena!

**Os Jovens Peregrinos**

*(Avançam ao primeiro plano sobre o contraforte rochoso. Eles trazem, visível no meio deles, um báculo episcopal coberto de folhas verdes.)*

Glória! Glória! Glória ao milagre da graça!

O mundo obteve a redenção!  
Nesta santa hora da noite do Senhor,  
Ele mesmo se manifesta através de um milagre:  
o báculo seco na mão do pontífice, Ele o fez reverdecer, ele o ornou de ramos verdes;  
Assim, para o pecador à margem da fogueira do inferno, a redenção pode desabrochar  
um dia!  
Proclamai isto por toda a terra,  
que através deste milagre ele encontrou a salvação!  
No alto, acima de tudo, está Deus e sua misericórdia nunca será procurada em vão!  
Aleluia! Aleluia!  
Aleluia!

**O Landgraf, os Menestréis, os Velhos Peregrinos**

A graça de Deus foi garantia ao penitente, ele agora entra na paz da bem-aventurança!

---

**FIM**